

POEMAS DE ARMANDO FREITAS FILHO SOBRE  
JOÃO CABRAL DE MELO NETO

---

SELEÇÃO DE SOLANGE FIUZA\*  
CLAUDINE FALEIRO GILL\*\*

---

Leio no jornal  
o que todo dia mastigo  
usando meu rosto  
feito de salas de espera:  
o que o diabo amassou e cuspiu  
e tomo a overdose  
a receita de rigor: Valéry-Cabral  
na veia, para não perder a cabeça  
nem despentear o cabelo  
e para sumir solene, dopado  
composto, com missa  
de corpo presente, sem saber  
a minha causa mortis.  
(3X4, 1985)

---

\* Professora da Universidade Federal de Goiás/ UFG, Goiânia, Goiás, Brasil.  
E-mail: solfiuza@gmail.com

\*\* Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Goiás/ UFG, Goiânia, Goiás, Brasil. Professora no Instituto Federal Goiano/ IFG, Trindade, Goiás, Brasil.  
E-mail: claudinefgill@gmail.com

PARA JOÃO, COM “AMOR E SORDIDEZ”

Ninguém aqui está interessado em ser simpático  
J. D. Salinger

Exercício de estilo, se existe  
não visa, como o de tiro  
um alvo único, fixo e físico  
mas a muitos  
mais de imaginação do que de imagem.  
Não usa bala burocrática, numerada  
de calibre certo, didático.  
E sim um punhado de chumbo  
de pedras  
que pega um pouco em tudo  
assinando o nome com garranchos  
sem carimbo  
ou caligrafia pré-fabricada  
picotando o papel jornal  
com furos de franco-atirador.  
(*Duplo cego*, 1997)

VERBETE PARA JOÃO CABRAL

Escreveu para sempre, escreveu em série sempre  
o primeiro e o último poema, ao mesmo tempo.  
Da folha inicial à derradeira, sem saltar página  
em linguagem de protocolo, não espetacular.  
Diplomática, mas em código próprio, pessoal  
e intransferível, que se passava a limpo  
automaticamente, pelo gráfico impecável  
da caligrafia que ocultava, embaixo do gesto  
dessa ginástica, arte – verso de prumo e rigor.  
Tudo num dia só, didático, sob sol insuportável

ou em dias que não diferiam, circulares: no fundo  
eram apenas um, em várias vias e versões  
descortinado, sem nenhum excesso de céu.  
(*Fio terra*, 2000)

#### CAÇAR EM VÃO

Às vezes escreve-se a cavalo.  
Arremetendo, com toda a carga.  
Saltando obstáculos ou não.  
Atropelando tudo, passando  
por cima sem puxar o freio –  
a galope –no susto, disparado  
sobre as pedras, fora da margem  
feito só de patas, sem cabeça  
nem tempo de ler no pensamento  
o que corre ou o que empaca:  
sem ter a calma e o cálculo  
de quem colhe e cata feijão.  
(*Fio terra*, 2000)

#### JOÃO CABRAL: ÚLTIMO ROSTO (em dois momentos)

1. Facas de cem volts ou watts, não.  
De cem velas, sim – velozes ao  
se queimarem? Também lentas  
ao despirem o breu, o betume:  
nuas, bruxuleantes, e de inopino  
agudas, enterrando a sua luz  
– a luz rápida de um olhar  
de lâmina cega no olhar da cara.

2. Face à faca acesa por cem velas.  
Velozes ao se queimarem. Mas também  
lentas ao despirem o breu, o betume:  
nuas, bruxuleantes, e de inopino  
agudas! Enterrando a sua luz  
– a luz rápida de um olhar  
na lâmina cega do olhar de cera.  
(*Fio terra*, 2000)

#### OUTRA RECEITA

Da linguagem, o que flutua  
ao contrário do feijão à João  
é o que se quer aqui, escrevível:  
o conserto das palavras, não só  
o resultado final da oficina  
mas o ruído discreto e breve  
o rumor da rosca, a relojoaria  
do dia e do sentido se fazendo  
sem hora para acabar, interminável  
sem acalmar a mesa, sem o clic  
final, onde se admite tudo –  
o eco, o feno, a palha, o leve –  
até para efeito de constraste  
para fazer do peso – pesadelo.  
E em vez de pedra quebra-dente  
para manter a atenção de quem lê  
como isca, como risco, a ameaça  
do que está no ar, iminente.  
(*Raro mar*, 2006)

## MAXILAR

Para sua escrita estatística  
João Cabral gostava de números pares  
mas era ímpar. Gostava do 4  
mais das quinas do que da sua conta redonda.  
Talvez, mesmo sem saber claro  
preferisse o 5, feito de ângulos e gancho.  
Em disco, sua voz era didática  
ou de quem fala com o cuidado  
daqueles que usam dentadura nova.  
À mesa, o feijão cabralino  
estava mais para a dureza do grão  
do que para o sabor, e o pegajoso  
do chiclete, que João provava  
com morder e meditação bergsoniana  
aqui reaparece, com substância  
de teor ginásial – absorta, repetitiva  
mastigada pelos dentes possíveis  
prestes a doerem, sem remédio  
ilustre: só cera de Dr. Lustosa  
isenta de metafísica e filosofia.  
Tira de goma mascada até perder  
todo o açúcar e virar borracha no cuspe  
que acaba apagando a lembrança do mordido  
do meditado, além de parar o tempo que passa.  
Palavra-puxa-palavra, na prática:  
sempre as mesmas vinte, agora se esticando  
na gagueira do pensamento, do paladar  
no ato de dizer, no de escrever sem saliva.  
(*Lar*, 2009)

Escrever engenheiro, com engenho  
atrás, rangendo na rede aberta  
através da dor do quebra-cabeça  
arquitético: de olho, na assepsia  
da planta, mas com a mão  
no canteiro de obras da cabra  
nos cemitérios antimarinhos  
no rio cachorroto, na vida franzina  
no canavial de facas, no mar  
medido a palmo, saindo do risco  
do poema, por um triz valeryano  
“como quem lava as mãos”, do mangue  
das fezes, do sujo, de si para si.  
Ou então, e talvez melhor:  
ver este engenho condensado de agora  
através do cheiro do açúcar queimando  
mais cortante do que a cana  
porque mais pungente, porque parece fingir  
(para melhor guardar o segredo de fábrica?)  
que o que se faz aqui, quando a roda  
gira no vazio do espaço, com ar de sonho  
é apenas esgarçar o algodão-doce, e não a magia  
de formar a nuvem do poema ainda em branco  
do nada, da máquina, do escuro azul da chama.  
2 X 2016  
(*Lar*, 2009)

## “COMPRENDE?”

João Cabral “falava pelos cotovelos”. Essa expressão cai como uma luva se entendida não metaforicamente, mas aferrada à imagem, tal e qual, “sem plumas”. Semelhante ao rio interior, escrito e escarrado, jamais copioso, com a sua água na conta certa, que vai a passo, lajeada, pari passo, com a outra água do rio externo, passando no pensamento. Pois o que eles, o rio e o homem, dizem, sai em linha reta, sem floreios, e vai até o fim do fôlego, e em vez de deter-se, vira a esquina súbito, cidadão – e continua o ditado, sempre em frente. Daí os cotovelos de suas sentenças, iguais ao traçado à régua dos seus versos, só admitindo ângulos bem medidos no firmamento, sem a incalculável nuvem indecisa: e mesmo se ela ousar, céu afora, João só vê o sol de acetilsalicílico, não dando atenção à sua possível trovoadas, ao seu provável barulho de chuva, à sua sombra, mesmo que de passagem, porque teme – se parar a fim de esclarecer e cuidar para que nada saia do curso, pingue e derrame – ter que cortar o rio, submeter-se à sombra, interromper o que é tão imperativo, claro e firme, isento, na superfície, de escuro e umidade. Porque teme, enfim, esquecer-se, ou deixar que enguice e enferruje o discurso escudo, há muito decorado, com o qual se defende não apenas do interlocutor buscando entrar na área interdita, até para o pessoal mais íntimo, como também de algo contraditório – assim como de si mesmo, extremamente. De algo que o salve da fuga do seu destino, por opção fabricado, de sua vida ultimato. De algo que o desarrume e duvide, o tire da linha, onde o vento não sopra, onde Drummond não passa.

## COMPREENDO

João Cabral “falava pelos cotovelos”, metaforicamente, também. Longe do rigor da composição, jamais confundido com a rigidez, era um homem idiossincrático, opinativo, engraçado, à Buster Keaton. Quando topei, pela primeira vez, com alguns poemas seus, em 1953, na *Antologia da poesia brasileira moderna*, tive uma sensação ambígua: se ele, naquela pequena mostra, passava em revista a dicção do modernismo, eu não

podia abrir mão da mão despenteada modernista, nem queria largar essa outra, nova em folha, que se penteava tão impecavelmente, como aparecia no retrato da antologia citada. Três anos mais tarde, em *Duas águas*, livro onde reuniu sua poesia até aquela data, pude beber em fontes diferentes: na que brotava em silêncio e na que jorrava em voz alta. O poeta, aparentemente, inflexível, tinha pelo menos dois ramais distintos. Essa constatação fez com que os bons leitores da minha geração chegassem ao seu manancial sem se sacrificar na leitura menos imaginativa, mais ocorrente e reducionista, pois não esterilizavam seu verso fluvial, que não rejeitava impurezas, igual ao Capibaribe, em nome de uma “secura” higienizada, que nada tinha a ver com a sua visceralidade de origem. Não caímos na armadilha simplificadora de sua recepção: a de que escrevia sem as plumas das nuvens. A ameaça delas sempre esteve no céu limpo à força. Sua poética é feita desse duelo, entre sol e sombra, e seu autor, por essa razão, não podia se seguir ou ser seguido, ao pé da letra, já que era despenteado por dentro. Por isso mesmo amou, nunca de maneira resignada, mas com fúria, Drummond até o fim.

(*Revista Serrote*, n. 6, nov. 2010)

#### FAMÍLIA DE LETRAS

Machado puxa o fio  
da sua caligrafia  
até que a mão de Graciliano  
o alcance, deixando-o  
então, com Carlos Drummond  
que passa para  
Antonio Candido, e deste chega  
a João Cabral, unindo-os  
na mesma linhagem  
com a linha do seu novelo.  
(*Dever*, 2013)



para Inez Cabral de Melo  
quando transcrevia o texto para a edição  
da *Casa de farinha* de João Cabral

Certa poesia, mesmo quando impressa  
guarda o ininteligível do pensamento  
ou da caligrafia original, e a compreensão  
precisa ser desentranhada da “letra de médico”.  
O que é dito, ou não dito, tem que ser decifrado  
ou adivinhado, mas nem tudo se esclarece:  
há mal-entendidos, interditos, palavra e sentido  
incompreensíveis, lacunas, que perduram  
e perguntam sem remédio, sem receita.  
9 I 2011  
(*Rol*, 2016)

.....

---

Submetido em 25 de janeiro 2018

Aceito em 10 de fevereiro de 2018

Publicado em 30 de julho de 2018

---